

## OS MOCOVIS DO GRAN CHACO: UM DOCUMENTO VISUAL DE IDENTIDADES E TEMPORALIDADES.

Scheilla Guimarães da Silva; Graduada em Artes Visuais (UNIGRAN); Graduanda em História; Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; (67) 98146-7057; scheillaguimaraes@gmail.com.

### RESUMO

Os escritos do missioneiro jesuíta Florian Paucke, que viveu entre os indígenas mocovís, também chamados de guaicurus, entre os anos de 1749 a 1767, constitui um rico material etnográfico que registra a cultura mocoví e sua estada por dezoito anos na Redução de San Javier no atual território argentino. Esse artigo trata de forma sucinta das observações feitas por esse missioneiro desde sua partida da Europa até as *Índias Ocidentais da América* descrita na sua crônica *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes -1749-1767*, e representadas em uma série de aquarelas. Considerando suas imagens como um código cultural que permite várias interpretações, procuro lançar o meu próprio olhar sobre essas representações, atribuindo sentidos a essas imagens.

**Palavra-Chave:** Florian Puckes, missioneiro jesuíta, século XVIII, cultura indígena mocoví.

### ABSTRACT

The writings of a Jesuit missionary Florian Paucke, who lived among the mocovís Indians, also called Guaicurus, around the mid 1749-1767, is a rich ethnographic material that records the Mocoví culture and their stay for eighteen years at the Reducción San Javier in the Argentine territory. This article discusses briefly the observations made by this missionary since his departure from Europe to America's West Indies, which were described in his chronic *Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes (1749-1767)* and represented in a series of watercolors. Considering their images as a cultural code that allows various interpretations, I try to launch my own look on these representations, trying to check hidden meanings in his works.

**Keyword :** Florian Paucke, Jesuit missionary, seventeenth century, Mocoví indigenous culture

## **Introdução**

O relato “*Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios Mocobíes -1749-1767*”, do jesuíta Florian Paucke, que foi missioneiro nas reduções mocovís de San Francisco Javier e de San Pedro no Gran Chaco, descreve detalhadamente vários momentos da sua vida sacerdotal, da vida dos habitantes daquela região, e das campanhas evangelizadoras e conquistadoras que empreendeu naquele espaço geográfico. Além das informações minuciosas, seus escritos são acompanhados de uma rica iconografia, onde a imagem permite identificar a existência dos grupos indígenas, suas diferenças, e se revela como um documento visual de identidades e temporalidades. Paucke constrói dois textos: um escrito e outro visual. Algumas dessas imagens complementam a sua narração, outras se diferenciam do que foi registrado, classificado e nomeado em seus escritos.

Nesse artigo proponho analisar a construção de algumas das suas representações, utilizando ferramentas específicas da História da Arte, apontando alguns dos processos diferenciadores entre essas duas linguagens. Considerando suas imagens como um código cultural que permite várias interpretações, dependendo do contexto e do saber investido no olhar, procuro lançar o meu próprio olhar sobre essas representações, tentando desvendar sentidos, mas deixando ao leitor a possibilidade de descobrir também novos sentidos.

## **A imagem como linguagem**

Antes mesmo de saber escrever, o ser humano utilizou a imagem para se expressar. Diante dos mistérios que o cercava, o artista ficava a sós e nas paredes das cavernas, pelas forças do fazer manual e de sua imaginação, recriava o mundo e as coisas, sonhava compreender o que não compreendia. Aprisionando a imagem nas paredes rochosas que lhe serviam de suporte, ele possuía os seres por ele concebidos e contava histórias pela força imaginativa de suas reproduções (GOMBRICH, 2012).

Quando pensamos em linguagem, temos a ideia de que somente a forma escrita ou verbal é capaz de nos fazer entender, interpretar ou produzir conhecimentos históricos. Fechamos nossos sentidos para outras formas de linguagem capazes também de produzir conhecimento no mundo. As imagens não são apenas meras ilustrações, adereços, “perfumaria” como muitos ainda insistem em crer. Elas constituem uma linguagem específica, com um código específico, que necessita ser decifrado para ser entendido. A imagem não serve apenas para ilustrar e reafirmar o que o texto escrito diz. Ela é outro texto: um sistema simbólico que nos insere na realidade e reflete o nosso modo de estar no mundo (MARTINS, 1998).

A produção artística é um fazer essencialmente humano. A matéria oferecida pela natureza e pela cultura é transformada pela arte. No exercício da criação as “visões do mundo”, “espírito da época” e as ideologias de classe e de grupo são universos de valores que estão presentes na hora do fazer artístico (BOSI, 2001).

O ser humano não cria a partir do nada. Não existe a “livre expressão” quando esse termo se refere à criação isenta de qualquer condicionante ou influência perceptiva. Ele cria com base em seu “museu interior”, de seu conhecimento, de sua cultura, de seu olhar particularizado sobre as coisas, as pessoas e o mundo, inserido num determinado espaço e tempo histórico (MARTINS, 1998).

Quando estudamos a história da arte, estamos estudando a história humana, pois a produção artística é intimamente ligada aos acontecimentos históricos e sociais. O indivíduo é um ser de um tempo e espaços históricos, as suas produções são fenômenos culturais humanos formadores de ideias e opiniões (BOSI, 2001).

Nesse sentido, os processos de apropriação/representação dos mocovís, indígenas do Rio da Prata, pelo missionário jesuíta Florian Paucke no século XVIII, que viviam na região do *Gran Chaco* e ao norte da Província de Santa Fé (atualmente território da Argentina), revelam um conhecimento construído daquele mundo e daquela época, tornando conhecível e conhecido o cotidiano desse grupo. Desse modo, Paucke cria fontes escritas e visuais para o conhecimento da vida daquelas populações. As imagens não se referem apenas ao que era visível naquele mundo, mas também ao que era invisível, como um modo de conhecimento expressado por uma linguagem que a palavra dita ou escrita não pode expressar. Ordenando e interpretando os fazeres dos indígenas, através de suas representações, Florian Paucke, elabora e dá sentido aos seus pensamentos no intuito de compreender o que se passava naquele mundo tão distante culturalmente do seu.

### **A Crônica de Florian Paucke**

Relatar por escrito as experiências vividas era uma das tarefas fundamentais que os jesuítas deveriam realizar em suas missões. Essa orientação esteve presente desde a fundação da Companhia de Jesus em 1534 por Ignácio de Loyola e se tornou obrigatória entre os membros da Ordem. Esses escritos deveriam relatar as tarefas realizadas pelos membros da Companhia, informando a sede da Ordem as decisões e os feitos dos seus discípulos nas diversas províncias. Surge assim, uma extensa correspondência que mantinha a união da nova ordem religiosa que acendia rapidamente (ROSSO e CARGNEL, 2012).

*Hacia allá y para acá. Uma estada entre los índios movobíes* (1749-1767) é o título da crônica de Florian Paucke que relata desde sua saída da Europa no ano de 1748, sua chegada às Índias Ocidentais, até o seu retorno em 1767 após a expulsão da Ordem Jesuítica do continente americano. Além dos seus escritos, Paucke produziu 104 aquarelas que representam formas da vida vegetal, animal e humana. Ao lermos a crônica de Paucke podemos perceber os modos de construções de um texto que se expressa por vários meios: símbolos, figuras, fundo, cores, texturas, espaços, palavras e referências.

São registros de alteridade que nos serviram de guia para resgatar o imaginário suscitado na situação de contato entre Paucke e os mocovís.

Em seus relatos, o jesuíta tudo descreve. Seus olhos devoram o mundo à sua volta. Ele compõe, decompõe e reinventa tudo que vê; tudo quer saber. A sua ânsia de viver intensamente aquela nova experiência é sentida no decorrer da leitura de sua crônica.

De acordo com Zanetti, Paucke produz sua crônica atendendo a um pedido das autoridades do convento de Zwettl na Baixa Áustria, cerca de dois anos após regressar à Europa, devido a expulsão da Ordem em 1767.

O texto de Paucke, como todos os discursos produzidos pelos jesuítas do século XVIII, reafirma a todo o momento o êxito da evangelização e o trabalho civilizatório das reduções, pois para ele, o espaço de civilidade não se encontra na cidade, local de “degradação e maus costumes para os indígenas”, mas sim, no espaço educador e civilizatório da redução.

Seu relato contém tantos detalhes que nos levam a crê que ele deve ter feito anotações durante sua viagem e permanência na redução ou que possuía uma memória notável. Isso porque, é capaz de descrever datas, horários, graus náuticos, o clima, a flora e fauna, a geografia dos terrenos, os usos e costumes dos índios mocovís, o trabalho na redução, o paganismo e a aceitação do cristianismo pelos indígenas. Sua crônica está dividida em seis partes, contendo 706 páginas, escritas originariamente em alemão, traduzida para o espanhol por Edmundo Wernicke e publicada pela Universidade de Tucumán (Argentina) pela primeira vez entre os anos de 1942 e 1944. Todas as 104 aquarelas foram reproduzidas e inseridas no interior dessa edição (ZANETTI, 2013).

### **Em direção às Índias Ocidentais.**

A Companhia de Jesus iniciou sua missão evangelizadora na América em 1566, após várias restrições do Conselho das Índias. A primeira viagem foi para Flórida. Saindo da Europa, os jesuítas enfrentavam nessas longas viagens, distintos infortúnios como tempestades, aprisionamento por corsários, guerra e morte. Era escassa a periodicidade dessas viagens por ordem da Coroa Espanhola a fim de resguardar sua frota de inimigos. Geralmente os barcos em

que viajavam os missionários jesuítas eram protegidos por uma forte armada. Essas viagens eram dirigidas por um Padre Procurador, eleito em sua província de origem.

Foram numerosos embarques de jovens jesuítas que partiram para várias partes da América. No caso do Paraguai entre os séculos XVII e XVIII se realizaram cerca de 20 viagens com a ida de mais de sessenta missionários (PAGE, 2007:3-5).

### **O Missionário dos Mocovís**

Florian Paucke nasceu em Silesia, região da atual Polônia, em 1719. Aos dezessete anos ingressa na Companhia de Jesus e solicita à Roma a permissão para partir para às Índias em missão. Em 1748 se ordena sacerdote e parte para a província Paraguaría do Rio de La Plata, nome dado ao extenso território que compreende a república do Paraguai, Argentina, Bolívia e do Uruguai (ZANETTI, 2013).

Em oito de janeiro de 1748, Paucke saiu da cidade de Olomouc (Ollmütz em Polonês) cidade da região de Morávia, no leste da República Tcheca (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994). Chega à Buenos Aires em primeiro de janeiro do ano seguinte após quatro meses de navegação, além da viagem por terra a cavalo ou em carretas puxadas por bois, uma viagem cheia de percalços e novidades para jovem missionário.

Florian Paucke chega ao porto de Livorno em Toscana (Itália) em onze de fevereiro de 1748, e parte com destino a Lisboa num buque mercante, cujo capitão sueco e luterano se mostrou “atento e amável com seus tripulantes”. Na travessia do Mar Mediterrâneo, enfrenta uma grande tempestade, que ele relata como sendo a situação mais perigosa que havia passado nos seus oito ou dez anos de navegação. Mesmo assim, seu relato traz cenas cômicas protagonizadas por seus companheiros durante aquela tormenta, como Paucke era um dos únicos que não enjoava no mar, foi designado cozinheiro do buque. Suas habilidades como cozinheiro são descritas, bem como várias receitas, em sua crônica.

Aportar em Málaga e transpor o estreito de Gibraltar foi uma tarefa difícil, pois as correntes marítimas eram fortes e variavam ao longo do dia nessa importante rota de navegação do Mediterrâneo para o Atlântico. Por ser uma das vias marítimas mais frequentadas do mundo, o tráfego era intenso e contribuía para constantes acidentes; além desses fatores, havia o perigo de serem assaltados pelos mouros na costa africana. Os ventos contrários eram frequentes e dificultavam a navegação, os sete missionários então, decidiram ir por terra de Málaga a Lisboa, pois nas aquelas condições climáticas, chegariam mais rápido andando do que navegando. Nessa jornada, cinco dos missionários montavam cavalos que foram requeridos ao Colégio Jesuíta de Málaga, e os outros dois companheiros que não sabiam montar viajavam numa pequena calesa. Paucke descreve a ribeira espanhola com suas paisagens amenas e perfumadas,

a comida espanhola, a beleza das procissões religiosas (pois se encontravam em plena quaresma), a arquitetura das cidades e o famoso porto de Cádiz: importante centro de importação de ouro e prata da época. Esse porto foi o primeiro e mais rico porto da Espanha (BETHELL,2001).

No caminho para Lisboa, Paucke se admirava com a variedade e o colorido das pequenas conchas marinhas da costa portuguesa, que por sua vez colecionava e guardava em seus bolsos. Por tais atitudes Paucke foi alvo de críticas da parte de seus colegas. Consideramos que esse olhar quase infantil que buscava a beleza das pequenas coisas e do mundo é o que o torna sua obra singular. Paucke possuía um olhar particularizado e sensível, que percebia e sentia o mundo de uma forma única. Essa singularidade percebemos através das partituras, das palavras, nas formas e nas cores das suas aquarelas.

Ao chegar a Lisboa descreve no seu relato o porto, a cidade e uma excursão que fez aos aquedutos romanos da cidade. A beleza dos tapetes da procissão do *Corpus Christi*, dos pequenos detalhes das casas portuguesas, dos tapetes de veludo das janelas costurados “com lindas peças de ouro e prata”, tudo seduz seus sentidos de “tal formosura e riqueza” que até então nunca tinha visto nada igual.

Em 18 de setembro de 1748 Florian Paucke parte de Lisboa em um buque espanhol juntamente com uma frota de cinquenta e três embarcações em direção a *Colonia del Sacramento*, as margens do estuário do Prata a cinquenta quilômetros de Buenos Aires.

Durante a viagem Florian Paucke observa os vários tipos de peixes da rica fauna marinha, o sabor e a cor da água do mar, as estrelas e o pôr do sol na vastidão do oceano. Se ocupa de relatar a maneira de captação da água da chuva e da forma precária em que era armazenada, por esse motivo, causava várias doenças a bordo como diarreias, verminoses e desidratação. Paucke narra as constantes tempestades e ventanias, temas recorrentes em sua crônica, assim como o medo e o pavor que ele desenvolve das “grandes tormentas das Índias”. A proximidades das chuvas fazia com que o jesuíta mantivesse o olhar constante para os céus na ânsia de viver novamente longas horas de suplícios.

Ao chegar em Buenos Aires, as igrejas, a praça, suas ruas e os conventos são narrados de forma detalhada nos apontamentos de Paucke.

O encontro com os mocovís, tão ansiosamente aguardado por Florian Paucke, a experiência de vê-los pela primeira vez, uma gente tão diferentes dos povos que ele conhecia, habitando uma região estranha, o fascinou. Devido a sua formação humanista, descreve a terra e seus habitantes com detalhes de paisagista e retratista. Para Paucke, as palavras escritas foram insuficientes para abranger todo o universo que o cercava. No nosso entendimento, para suprir essa insuficiência verbal, foi preciso buscar nas imagens a afirmação delas. Representando

numa série de aquarelas, os índios moradores do paraíso terrestre, elaborando fantasias que precedem o tempo colonial.

Nos primeiros contatos Paucke se depara com inúmeras dificuldades provindas do desconhecimento do idioma mocoví, pois não podia expressar seus pensamentos de forma compreensível. Com a ajuda do Pe. Burges, o cura da redução de San Javier, que lhe presenteou com um pequeno dicionário da língua mocoví, após dois anos, pode enfim, ensinar no idioma mocoví o catecismo às crianças indígenas. Ao término do terceiro ano na redução o missioneiro tornou-se professor, ensinando leitura, a escrita e a música. Ao longo de sua estadia na redução o Pe. Florian criou várias oficinas: sapataria, tornearia, marcenaria, tijolos, sabão e velas, especialmente para as mulheres cria oficinas de tapeçaria e tecelagem. As produções dessas oficinas irão contribuir para melhoria das condições de vida na redução, como a criação de novas construções de alvenaria, melhoramentos na produção agrícola devido ao uso de ferramentas fabricadas pelos indígenas e a comercialização dos produtos excedentes produzidos na redução como mantas, cobertores, artefatos de couro, alimentos e gado vacum.

Com a redução dos guaranis do Paraguai, Paucke manteve relações comerciais constantes, pois trocava anualmente o gado por tabaco, algodão e erva-mate. O chá da erva-mate era utilizado pelo jesuíta para amenizar o uso constante da bebida alcóolica fabricada pelos mocoví em suas celebrações.

Na terceira parte da crônica de Florian Paucke - *De la manera de vivir, usos y costumbres de los indios americanos em el paganismo*, o autor faz uma descrição minuciosa da “*la forma y color de los indios*”. As comparações com o modelo europeu se justificam pela tentativa de tornar o desconhecido conhecível a parti de um modelo preexistente. Paucke relata os usos, costumes, vestimentas, as cerimônias de casamento e morte, as cerimônias realizadas durante as *borracheras*, o lazer, as tatuagens e os adornos corporais. Além do mas, aborda também, o tribunal indígena, o idioma (as superstições) as habilidades manuais demonstradas pelos mocoví, as armas indígenas e seus serviços na guerra. Destaca ainda a educação das crianças, de acordo com a pedagogia mocoví. Finalmente distingue a capacidade de entendimento dos indígenas frente aos novos conhecimentos trazidos pelos espanhóis e pelos jesuítas. Desenvolver a capacidade de interagirem com esses conhecimentos seria, segundo Paucke, a afirmação de sua humanidade.

É particularmente dramático o relato que Paucke faz da expulsão dos jesuítas do Paraguai. A forma truculenta como foram tratados os jesuítas pelos representantes da coroa espanhola, a penúria do retorno, a tristeza, o choro e a revolta dos mocoví. Nesse momento o leitor compreende perfeitamente o título de sua crônica—*Hacia allá y para acá. Una estada entre los indios mocobíes – 1749-1767*no qual destaca seus sentimentos: “*Hacia allá (fuimos)*

*amenos y alegres, para acá (volvimos) amargados y entristecidos*”. Paucke revive essas lembranças. A viagem para as Índias Ocidentais, a aventura da conquista e do seu trabalho espiritual entre os mocovís e a amargura da sua expulsão do Chaco Paraguai, são lembranças que Paucke revive intensamente aos 50 anos no convento que o abrigou.

Relembra com pesar de sua expulsão e de seus companheiros jesuítas. Suas armas, ferramentas, seus preciosos instrumentos musicais, os instrumentos matemáticos que utilizava nas construções, seus livros e todos os seus papéis, foram confiscados, ficando apenas em seu poder um crucifixo, um breviário gasto e dois livrinhos de oração.

Florian Paucke faleceu na Bohemia em 1780, aos 61 anos de idade, e deixou um rico relato de um novo mundo americano. Como um cronista descreveu sua experiência. O tempo, os espaços e as culturas se encontram em seus relatos e em suas imagens, marcadas pelo seu olhar sensível.

### **Leitura de Imagens.**

A comunicação entre as pessoas se dá por vários meios. Muito do que hoje sabemos dos povos, países e tempos históricos são conhecimentos adquiridos por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, arquitetura, escultura e escrita. Mas, para entender, interpretar e dar sentido a uma determinada linguagem se faz necessário apreendermos a operar seus códigos. A criação de imagens utiliza um código específico empregado pela linguagem da arte, que ao ser interpretado nos permite compreender e entender as formas sensíveis e subjetivas produzida pela humanidade e os seus modos de interação multicultural.

Somos seres históricos e ao longo de nossas vidas vamos construindo um “repertório” individual e coletivo de saberes e experiências. Constituído de uma rede onde se encontram os fios da filosofia, história, ética, religião, ideologias, estética e cultura presentes nos indivíduos e no grupo ao qual pertencem. Sendo assim, a “leitura de imagens ou de palavras é carregada de sentidos que tanto estão presentes na imagem como na palavra e no seu leitor” (MARTINS, 1998).

Por repertório podemos entender:

[...] é o arquivo dinâmico de experiências reais ou simbólicas de uma pessoa ou grupo social. (esse arquivo) tem recorrência no conceito de memória, de imaginação e, em última instância, no de conhecimento. Mas é importante ter sempre presente o aspecto dinâmico desses conceitos. Assim como repertório, a memória, a imaginação e o conhecimento não são arquivos mortos, passivos. (Meserani, 1986: 17-8.)

Portanto, as referências pessoais e culturais, nascidas no convívio com a cultura mocoví, direcionaram o jesuíta Florian Paucke a produzir além de um extenso relato verbal, 104 aquarelas, fabricando sentidos e significações que atribuímos as suas produções. Através da análise e interpretação dessas imagens, numa perspectiva da História da Arte, procuramos critérios e princípios das relações formais utilizadas nas construções de suas obras pictóricas.

### **A Arte na Ibero – América**

Por volta do século XVIII a arquitetura e a arte da América Ibérica refletiam as tradições predominantes nas metrópoles peninsulares. No entanto, a observação direta, a análise “racional” e experimental da natureza e do espaço cultural e geográfico difundida pelo Iluminismo europeu, deu início ao processo de secularização na arte. Esse processo propaga-se e se fez sentir na produção artística do Novo Mundo. Se por um lado, a arte continua servindo a Igreja no processo de evangelização indígena, por outro, a secularização será representada pela arquitetura e pela configuração do espaço urbano.

Nas construções imagéticas de Paucke, observamos esse pensamento ocidental na tentativa de reproduzir os seres e as coisas que o rodeavam.

No século XVIII, as nações europeias, em busca de informações confiáveis a fim de explorar as riquezas americanas, passaram a enviar expedições, que combinavam a exploração geográfica com os trabalhos de artistas que objetivavam registrar as formas desconhecidas da vida vegetal, animal e humana. A arte e a ciência se tornam interesse da aristocracia europeia a fim de facilitar o entendimento e a percepção daquele mundo visível (ADES, 1997).

Alguns missionários jesuítas, dentro desse contexto, além dos relatos que enviavam a sede da Ordem, buscam objetivamente, representar através do desenho a vida animal e vegetal com requintes de detalhes. A representação da natureza segundo a maneira clássica e idealista demandava uma formação específica nas academias de artes. Nos desenhos deixados pelo missionário jesuíta Florian Paucke se observa a carência dessa formação. São representações de um realismo sublimado onde os seres são representados por analogia e não por duplicação.

Nas aquarelas <sup>1</sup> de Paucke, essas analogias são construídas, ordenando elementos do espaço onde se dá “o contato intercultural e as relações de domínio entre jesuítas e indígenas” (PENHOS, 2005)

---

<sup>1</sup> As raízes da aquarela encontram-se intimamente ligadas ao grafismo oriental. A antiga pintura chinesa, era executada sobre seda, madeira ou papel. Sua história vincula-se também com a descoberta de fabricação do papel, na China cerca de dois séculos antes da era cristã. No século XVIII, torna-se uma prática de atelier, e os navegadores, topógrafos e naturalistas começaram a usar essa técnica para ilustrar seus diários de viagens. No Brasil vários artistas realizaram “aguadas”, com Rugendas e Debret que produziram desenhos coloridos sobre pergaminho ou papel (MOTTA, 1976).

Os desenhos de Paucke constituem um acervo de aquarelas que podemos agrupar em séries: são representações da fauna, da flora, da vista da San Javier, dos desfiles oficiais, do vestuário dos espanhóis, das roupas e adereços dos mocovís, das *borracheras* dos indígenas, dos afazeres diários na redução, das caçadas, da pesca a cavalo, do lazer, das tatuagens e dos adornos de corpo dos mocovís.

Paucke aborda a representação do espaço através de uma perspectiva linear. As formas são distribuídas no espaço a parti de uma linha de base que se desloca no plano conferindo a ilusão de profundidade. Não lhe interessava a representação de um espaço real (fig.1), os planos são rebatidos <sup>2</sup> e cobertos de detalhes que se espalham por toda a folha do papel.

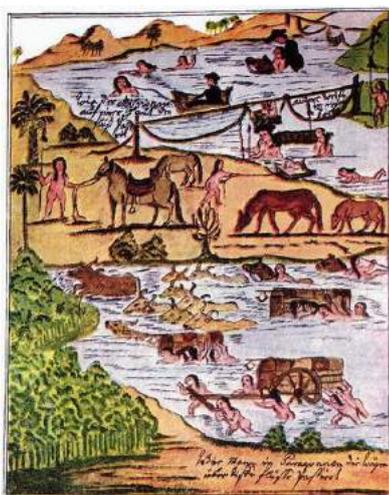


Figura 1: Florian Paucke. *Índios e missionários atravessando um rio*. Século XVIII. Aquarela sobre papel. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl– Áustria.

Fonte: blog imagens históricas.

Os jesuítas possuíam uma ampla cultura. Paucke, além de manusear diferentes ofícios, possuía profundo conhecimento musical, nos seus desenhos percebe-se que ele não teve uma formação em artes plásticas. Todavia ao longo de suas viagens, ele deve ter visto várias estampas e atlas, de modo que devia conhecer esse recurso da duplicação ou rebatimentos dos planos para resolver a questão representativa do espaço e das figuras.

Outro recurso que Paucke utiliza para sugerir profundidade é a cor. Nas figuras próximas da base do plano a cor é mais intensa, escura, e as que estão longe são mais claras. Além do mais, Paucke também se utilizou da escala dos personagens para representar a ilusão de profundidade no plano bidimensional.

---

<sup>2</sup> Esse recurso do plano rebatido foi utilizado na Europa para representar a vista de cidades, cenas de batalha e os espaços geográficos na tradição cartográfica nórdica (PENHOS 2005).

A luminosidade em suas composições é difusa, pois ilumina todos os elementos da mesma forma. A luz circunda as coisas, é refletida por superfícies brilhantes, e incide sobre todos os objetos. Para Dondis (2000): “As variações de luz ou de tom são os meios pelos quais distinguimos eticamente a complexidade da informação visual do ambiente”. A luz acentua o colorido das formas, as cores são quentes, representando a luminosidade e o calor dos trópicos, a vida, o trabalho e um mundo em movimento e construção.

Em suas aquarelas Paucke representa a nudez indígena de diferentes formas. Nas cerimônias oficiais a nudez das mulheres é representada de forma parcial, mas nas cenas em que os mocovís executam trabalhos estão completamente nus. Contrastando com a vestimenta escura que cobre todo o corpo dos missionários.

Em relação à questão dos volumes, esses são conferidos as figuras através da linha e, por um leve modelado; as figuras são chapadas. As maiorias das faces carecem de detalhes, o que não condiz com seus escritos, quando descreve de forma detalhada a aparência corporal dos mocovís. Contrapondo-se também a um dos seus desenhos onde ele representa as tatuagens e adornos corporais dos indígenas, observa-se nessa aguada o pleno domínio do desenho da face e dos detalhes que confere personalidade ao retratado (Figura 2 e 3).

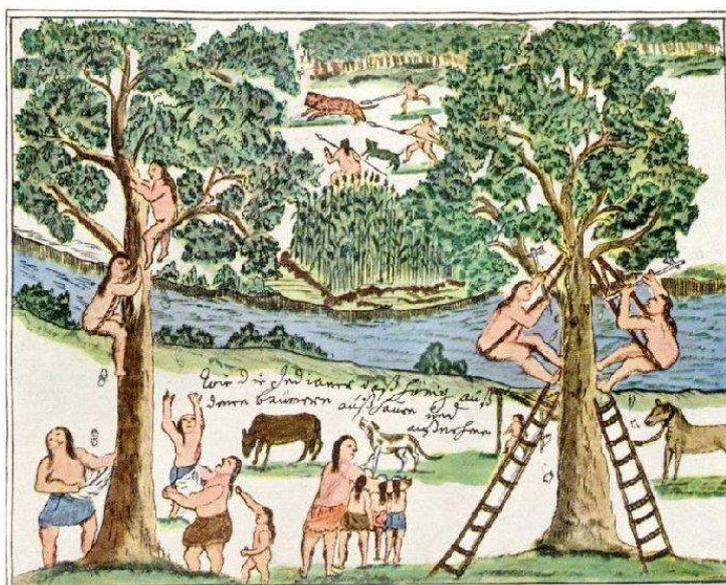


Figura 2: Florian Paucke. *Colheita de mel*. Século XVIII. Aquarela sobre papel, 45/54 cm. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl – Áustria.

Fonte: <https://es.wikipedia.org>.



Figura 3: Florian Paucke. *Tatuagens e adornos de face dos índios mocovís*. Século XVIII. Aquarela sobre papel. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl – Áustria.  
 Fonte: <https://es.wikipedia.org>.

Nas representações das festas cerimoniais dos mocovís, chamadas por Paucke de “*borracheras*”, observamos essa falta de detalhes pessoais. Na figura 4, ele representa um todo impessoal. Em sua crônica, assim como em suas imagens, essas práticas estão construídas por um juízo negativo. Para Paucke essas “assembleias” (pois ele relata a participação de outros grupos indígenas) eram a personificação da barbárie. Para ele, o índio quando *borracho* retornava ao seu estado primitivo e animalesco.

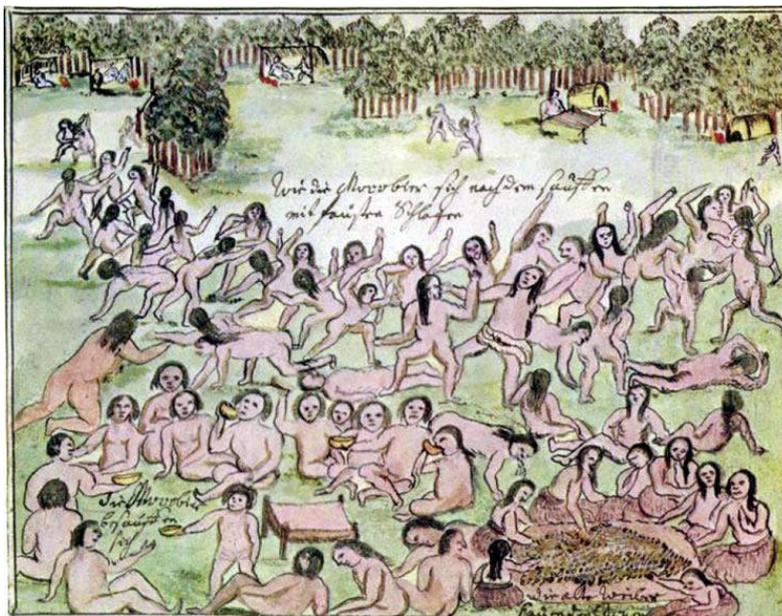


Figura 4: Florian Paucke. *A Borrachera*. Século XVIII. Aquarela sobre papel. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl – Áustria.  
 Fonte: <http://pueblosoriginarios.com/>.

Nessas aquarelas as figuras estão dispostas no plano sobre linhas circulares de base que confere intenso movimento a cena.

A linha em artes visuais, nunca é estática, e por sua própria natureza tem enorme energia, pois indica uma direção, é flexível, e é um meio de apresentar a forma palpável que só existia antes na imaginação do seu criador.

Na aquarela *A Borrachera*, em primeiro plano a direita do observador, se vê a fabricação de bebida alcoólica fermentada, feita por mulheres que se apresentam apenas com o dorso desnudo. A colocação dessa cena nesse canto do plano é intencional pois confere às figuras um maior peso visual, o peso, que nesse contexto significa a capacidade de atrair o olhar. O favorecimento da parte direita do campo visual talvez seja influenciado pelo modo ocidental de aprendermos a ler da esquerda para a direita (DONDIS, 2000).

Na cerimônia da *borrachera* a maioria dos participantes são representados completamente nus, e segundo os conceitos morais dos missionários, como animais numa dança infernal e grotesca.

Um rico vestuário mocoví é tema de outras aquarelas de Paucke, conferindo dignidade e civilidade aos indígenas, pois a roupa representa a humanidade, que se degrada nas cenas das *borracheras* (Figura 5 e 6).



Figura 5: Florian Paucke. O cacique e sua esposa. Século XVIII. Aquarela sobre papel. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl – Áustria.

Fonte <http://pueblosoriginarios.com>.



Figura 6: Florian Paucke. Chapéus e couraças mocovís. Século XVIII. Aquarela sobre papel. Biblioteca del Convento Cisterciense de Zwettl – Áustria.

Fonte <http://pueblosoriginarios.com>.

As tonalidades e as texturas óticas criadas por Paucke são ricas e variadas, ele não obedece a regras fixas para reproduzir os elementos com exatidão, apenas intui o caminho a seguir para se chegar a um todo harmônico em suas composições.

Na sua viagem de retorno à Europa, Paucke relata que todos os papéis que estavam em seu poder foram sequestrados, o que nos leva a crer, que ele também pintou suas aquarelas de memória. Só retemos na memória o essencial, o que nos confere sentidos. No processo de criação de imagens enfatizamos certos aspectos e excluimos outros. Esse conceito de ênfase e exclusão se aplica a memória e nos auxilia na compreensão das representações de Paucke.

As formas de expressão plástica representam ao mesmo tempo, uma experiência de ordem estética, social e mítica. Pelo viés da arte, podemos investigar as afirmações instintivas ou conscientes das diferenças culturais, primordiais à concepção da identidade étnica e das alegorias que nela se configuram. A imagem nos remete a novos questionamentos sobre os limites entre a expressão estética e sentidos, entre arte e ciência, entre função simbólica e social (PORTO ALEGRE, 1994).

Como conclusão provisória, podemos dizer que Florian Paucke nos provoca com sua obra, e nos lança um desafio de compreendê-lo por meio de suas criações. Ele nos revela um mundo culturalmente rico e complexo em suas relações de alteridade. Enriquece-nos, se nos

permitirmos pensar sobre ele, ampliando nossas próprias referências, para além do tempo, dos fatos e de relações habitualmente esperadas.

## REFERÊNCIAS

ADES, D.(1997). *Arte na América Latina: a era moderna, 1820-1980*. São Paulo: Cosac &Naife Edições.

BETHELL. L.(2008). Org. *História da América Latina: América Latina Colonial*. Vol1/organização Leslie Bethell: tradução Maria Clara Cescato. -2.ed.2.reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF:Fundação Alexandre de Gusmão.

BOSI, A. (2001). *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: 7ed, Editora Ática, 2001.

BOTELHO & MÜLLER. (2001). *Colônia de Sacramento é a única cidade portuguesa das Américas que não pertence ao Brasil*. <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/colonia-sacramento-unica-cidade-portuguesa-americas-nao-pertence-ao-brasil-725703.shtml>. Acessado em 20 /10/2015.

BRINGMAN. A.(2005). *Pe. F. Paucke, O grande missionário dos mocovís*. Tradução Arthur Rabuske- 1. ed.São Leopoldo-RS, Editora Unisinos.

DONDIS, D. (2000). *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: 3 ed, Martins Editora.

GOMBRICH, E.H. (2012). *A História da arte*. Rio de Janeiro: LTC.

MARTINS, C.(1998). *Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD.

MESERANI, S.(1986). *O Vizinho da sala ao lado*. In: São Paulo, SE/Cenp.

MOTTA, E. (1976). *Iniciação a Pintura*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

- PAGE. C.A. (2007). *Los Viajes de Europa a Buenos Aires según las crónicas de los jesuitas de los siglos XVII y XVIII* – la ed. – Córdoba: Báez Ediciones.
- PAUCKE. F. (2010). *Hacia allá y para acá: Una estada entre los indios movobíes*. - Santa Fe: Ministerio de Innovación y Cultura de la Provincia de Santa Fe.
- PENHOS, M. *Cuerpos de Fiesta: Entre el Desfile y La Borrachera em el testimonio del jesuíta Florian Paucke 91749-1767*) Artigo disponível em: [http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/18480/1/19\\_Penhos.pdf](http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/18480/1/19_Penhos.pdf). Acesso em abril 2016.
- PESTANA. F. (1994). Org. *Atlas Geográfico Mundial*. 2ed. Empresa Folha da Manhã S.A.
- PORTO ALEGRE. M.S. (1994). *Imagem e representações do índio no século XIX*. Índios no Brasil / organizado por Luís Donisete Benzi Grupioni. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- ROSSO e CARGNEL. (2012). “*Historiadores e etnógrafos*”: escrituras jesuíticas em el siglo XVIII. *Los casos de Lozano y Paucke*. *Anuário de La Escuela de História Virtual*-Año 3-nº3 2012: pp.62-77.
- ZANETTI. S.(2013). *Las Memorias de Florian Paucke: Una crónica singular de las misiones jesuítas del Gran Chaco Argentino*. *América sin nombre*, nº18(2013) 178-189. Argentina.